

## A FACE HOLANDESA DE CLARICE LISPECTOR<sup>1</sup>

*Walter Carlos Costa*

Professor da UFSC

walter.costa@gmail.com

Gerald Brenan observou, em *The Literature of the Spanish People: From Roman Times to the Present Day*, que “a literatura espanhola viaja mal”<sup>2</sup>. Apesar de sua qualidade, sobretudo durante o *Siglo de Oro*, não são muitas as obras literárias espanholas traduzidas, se comparadas com as da França, Inglaterra e Estados Unidos. Algo similar ocorre com a literatura brasileira. Embora seja tão ou mais sofisticada que a literatura hispano-americana em vários momentos de sua história, esta última tem tido melhor fortuna no exterior. Um dos muitos sinais é que a coleção *Bibliothèque de la Pléiade*, uma das instâncias de consagração literária francesa e mundial, já conta com um hispano-americano (Jorge Luis Borges), mas até agora com nenhum brasileiro. O reconhecimento quase unânime de Machado de Assis por parte da crítica internacional não encontrou ainda uma expressão editorial à altura.

Mas há um país, pelo menos, em que a literatura brasileira está muito bem representada e ocupa um lugar de destaque inusitado: a Holanda<sup>3</sup>. Lá, graças, sobretudo, ao trabalho de décadas de August

---

<sup>1</sup> Agradeço Júlio César Neves Monteiro e Luana Ferreira de Freitas pela atenta leitura e sugestões, assim como pela tradução do resumo.

<sup>2</sup> A curious thing about Spanish literature is that it travels badly. Whatever the reason may be, few Spanish books have gained general currency beyond their language frontiers (BRENAN, 1951, p. 175).

<sup>3</sup> Os livros holandeses circulam também em outras áreas de língua neerlandesa ou com comunidades que lêem essa língua: Flandres, Suriname e Caribe neerlandófono, Indonésia, África do Sul e Namíbia (entre os falantes de afrikaans).

Willemsen, a literatura brasileira (e também a portuguesa), teve seus principais autores e obras traduzidos. De fato, é possível ler em neerlandês algumas das obras e autores mais representativos da literatura brasileira, traduzidos com maestria por August Willemsen<sup>4</sup>. Entre os autores traduzidos por Willemsen estão: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Dalton Trevisan, Chico Buarque de Holanda e Antônio Torres, entre os ficcionistas, e Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Ledo Ivo e Ferreira Gullar. Comparando com o cânone ficcional brasileiro, percebe-se imediatamente que há uma grande ausente nessa lista: Clarice Lispector. Clarice terá outros tradutores, ocupará outro nicho.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que Clarice não ocupa na Holanda a posição de autora canônica como Machado de Assis e Guimarães Rosa, traduzidos por um tradutor de prestígio, conhecido pela qualidade estética de suas traduções e que, ademais, possui uma importante obra própria, memorialística e ensaística. No entanto, tampouco ocupa o nicho feminista que tem na França e nos países de língua inglesa. Ao contrário, parece ocupar, por enquanto, um pequeno lugar, digno, onde brilha tanto como autora feminista como autora engajada politicamente e como grande escritora, devido a seu mérito estético.

Contrariamente ao ocorrido com Machado de Assis e Guimarães Rosa, que tiveram suas principais obras traduzidas na Holanda, Clarice está traduzida de forma muito parcial. Até o momento, apenas dois livros foram traduzidos para o neerlandês: *A hora da estrela* e *Laços de família*. O primeiro foi publicado sob o título *Het uur van de ster*, em 1988, e o segundo, em 1989, sob o título *Familiebanden*. Ambos saíram pela editora *Het Wereldvenster*, de Houten. Em 1994, saiu uma edição de bolso, pela editora *De Geuse*, de Breda, sob o título *Het uur van de ster*, mas contendo os textos completos tanto de *Het uur van de ster* quanto de *Familiebanden*. É, portanto, parca ainda a presença de Clarice na Holanda, onde ainda não foram traduzidos livros centrais como *Perto do coração selvagem*, *A paixão segundo G. H.* e *Água viva*, disponíveis em inglês, francês e espanhol. No entanto, cabe lembrar que os devotos de Clarice podem ler os seus livros em inglês, já que na Holanda praticamente toda a população lê inglês. Muitos outros, e certamente a maioria dos intelectuais, também dominam o alemão, o francês, o espanhol e o italiano, de modo que a recepção de Clarice nos círculos intelectuais holandeses é limitada apenas parcialmente pela ausência de traduções para o neerlandês.

---

<sup>4</sup> Sobre as traduções de Willemsen da obra de Machado de Assis e Guimarães Rosa, ver Costa 2007.

Enquanto Machado e Guimarães Rosa foram publicados por grandes editoras de Amsterdã, respectivamente De Arbeiderspers e Meulenhoff, Clarice foi publicada primeiro por uma editora alternativa, Het Wereldvenster [A janela do mundo], ligada aos assuntos do Terceiro Mundo e sediada em Houten, pequena cidade da província de Utrecht; em seguida, foi publicada em edição de bolso pela De Geuse, editora sediada em Breda, cidade de porte médio, na província de Brabante do Norte.

### Het uur van de ster

Claramente, *Het uur van de ster* tem a ver com o sucesso mundial do filme homônimo de Suzana Amaral, premiado em 1985 no Festival de Brasília e em 1986 nos festivais de Berlim e de Havana. De fato, o livro aparece dois anos depois das premiações internacionais do filme. Parece ser também a fama do filme que induz a editora De Geuse a incluir, em sua coleção Geuzenpocket, de grande tiragem, as traduções holandesas de *A hora da estrela* e *Laços de família* sob o título *Het uur van de ster*.

*Het uur van de ster* foi traduzido por Hermien Gaikhorst, tradutora com um perfil muito diferente de August Willemsen, o decano das traduções do português na Holanda. Contrariamente a Willemsen, que se especializou em tradução de obras portuguesas e brasileiras, Gaikhorst traduz também do espanhol, tendo traduzido, entre outros, o romance *Memorias de Altagracia*, do venezuelano Salvador Garmendia, e *Mi tío Atahualpa*, de Paulo de Carvalho Neto<sup>5</sup>. Ela organizou as seguintes antologias: *Bloemlezing uit de moderne Surinaamse literatuur* [Antologia da moderna literatura surinamesa] (Paramaribo: Publishing Services Suriname, 1995), e *Het lekkerste in het leven en andere verhalen van Braziliaanse schrijfsters* [O mais gostoso da vida e outros contos de escritoras brasileiras] (Houten, Wereldvenster, 1991), cujos textos também traduziu. Essa antologia de contistas brasileiras inclui de Carolina Maria de Jesus a Clarice Lispector, passando por Marina Colasanti e Nélide Piñon<sup>6</sup>.

De literatura brasileira, Gaikhorst traduziu ainda Rubem Fonseca e Moacir Scliar. Do primeiro, traduziu *Histórias de amor* (*Liefdesgeschiedenissen*, Werelbibliotheek, Amsterdam, 1999), *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* (In mijn door lust verdoevenleven heb ik slechts mijn liefde voor de sigaar hehouden. Amsterdam, Werelbibliotheek, 1999), Agosto (*Moord in Au-*

<sup>5</sup> O autor é sergipano mas escreveu o livro, ambientado no Equador, em espanhol, pela Siglo XXI, do México, em 1972. A tradução brasileira, de Remy Gorga Filho, foi publicada no Brasil em 1978, pela Rocco.

<sup>6</sup> A lista completa é: Vivina de Assis Viana, Bernadette Lyra, Sonia Coutinho, Nubia N. Marques, Lygia Fagundes Telles, Myriam Campello, Clarice Lispector, Helena Parente Cunha, Carolina Maria de Jesus, Lygia Malaguti, Marina Colasanti, Dinah Silveira de Queiroz, Heloisa Maranhao, Adelia Prado, Marcia Denser, Edla van Steen, Julieta de Godoy Ladeira e Nelida Piñon.



*gustus* [Assassinato em agosto], Amsterdam, Wereldbibliotheek, 1995), *A grande arte* (*Grote kunst*, Amsterdam, Wereldbibliotheek, 1992); e, do segundo, *O centauro no jardim* (*De centaur in de tuin*, Wereldbibliotheek, Amsterdam, 1994).

O que se depreende dessa lista heterogênea de escritores traduzidos é que Gaikhorst atua ao mesmo tempo como tradutora engajada com a literatura do Terceiro Mundo e com a literatura das mulheres e também como tradutora profissional, que aceita encomendas das editoras. No caso de *Het uur van de ster*, os duas motivações parecem convergir. Em seu “Nawoord van de vertaalster” [Posfácio da tradutora], Gaikhorst chama a atenção para a novidade temática que significou *A hora da estrela* na obra de Clarice, mas sublinha que esta visa não apenas denunciar uma situação de opressão e miséria, mas “tenta, com base em percepções e intuições dar uma idéia interna do ‘outro’” (p. 92).

A postura de comprometimento de Gaikhorst faria prever uma tradução mais atenta ao conteúdo do que à letra. A surpresa é que isso não acontece. Apesar das muitas armadilhas que a delicada invenção verbal de Clarice apresenta para os tradutores, Gaikhorst sai do embate não totalmente triunfante mas com resultados admiráveis. Um bom exemplo é este final de parágrafo:

A hora da estrela  
(Lispector 1998, p. 11-12)

Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar. A dor de dentes que perpassa esta história deu uma fígada funda em plena boca nossa. Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade. Felicidade? Nunca vi palavra mais doída, inventada por nordestinas que andam por aí aos montes.

---

71 palavras

Het uur van de ster  
(Lispector 1994, tradução de Hermien Gaikhorst p. 13)

Mijn hart heeft zich van alle verlangens ontdaan en beperkt zich tot zijn eigen, laatste of eerste, harteklop. De kiespijn waar dit verhaal door getekend is, gaf diep in mijn mond een scherpe steek. Dan zing ik luidkeels en schel een gesyncopeerde en doordringende melodie – mij eigen pijn – ik die de wereld tors en er is gebrek aan geluk. Geluk? Nooit heb ik een belachelijker woord gezien, bedacht door meisjes uit het Noordoosten die je op elke hoek van de straat kunt tegenkomen.

---

83 palavras

A tradutora é algo menos concisa que a autora, usando 12 palavras a mais. Também apara algumas arestas, entre elas o estranho “boca nossa” que se torna o corriqueiro “minha boca” (“mijn mond”). Mas propõe a seqüência exata e aliterante “tot zijn eigen, laatste of eerste, harteklop” para a exata e aliterante seqüência “ao próprio último ou primeiro pulsar”. Por outro lado, adapta “doida” para “belachelijk” (“ridícula”) e “que andam por aí aos montes” por “die je op elke hoek van de straat tegenkomt” (“que você encontra em toda esquina”), mas mantém a idiossincrática passagem da primeira pessoa para a forma impessoal de “eu que carrego o mundo e há falta de felicidade”, reproduzindo a alternância “ik” (“eu”) e “er is” (“há”).

Em todo o texto de *Het uur van de ster*, Gaikhorst tenta manter esse sutil equilíbrio entre pequenas adaptações que tornam o texto idiomático e a criação de novas combinações em holandês, que o leitor mais atento reconhece como típicas do surpreendente e elegante idioleto clariceano.

### **Familiebanden**

O volume *Familiebanden* difere de *Het uur van de ster* em vários aspectos. Em primeiro lugar, são dois os tradutores. O volume reproduz quatro contos pioneiramente traduzidos por Ruud Ploegmakers e publicados em 1985 no número 33 da revista *Raster*: “De kleinste vrouw van de wereld” (“A menor mulher do mundo”), “Het avondmaal” (“O jantar”), “De misdaad van de wiskundeleraar” (“O crime do professor de matemática”), e “De buffel” (“O búfalo”). Os outros nove contos do livro foram traduzidos por Hermin Gaikhorst.

Aqui temos um livro onde a criação verbal de Clarice é mais evidente e onde seu texto é comparável ao dos grandes mestres do conto nacional como Machado e Guimarães Rosa. A presença indireta de Willemsen se faz notar com mais vigor e o texto parece dialogar com os textos de suas traduções. Um lugar privilegiado para esse diálogo é o posfácio de Hermien Gaikhorst, intitulado simplesmente “Biografie” [Biografia], onde a tradutora apresenta não apenas os dados biobibliográficos de Clarice mas faz, como Willemsen (que é, aliás citado como tradutor de Drummond), em seus posfácios, um balanço da fortuna crítica da autora e propõe sua própria leitura. Depois de situar de forma sintética e muito competente a obra de Clarice dentro da história política, social e literária do país, Gaikhorst resume as leituras críticas positivas de Afonso Romano de Sant’Anna e Benedito Nunes e as posteriores de Suzi Frankl Sperber e Solange Ribeiro de Oliveira, lembrando de que sua literatura foi subestimada por Álvaro Lins, Luis Costa Lima e Afrânio Coutinho. Faz ainda um breve balanço do impacto externo da obra, que começa logo após a morte de Clarice e que se deu sobretudo nos meios universitários norte-americanos, canadenses, franceses e alemães e nos círculos de estudos semióticos e de “écriture féminine”. Dá um destaque, não isento de ironia, à “voz oracular” de Hélène

Cixous em sua leitura trepidante de Clarice, em que produz frases “La Voix-Obst, nous donne à lire: les mots dans cette voix sont des fruits. Clarice lit: Obst-Lese: lecture lispectorange.” (Lispector, 1994, p. 237). Registra, finalmente, um primeiro artigo holandês de síntese, de autoria de Christa Stevens e publicado na revista feminista *Lover*.

Em termos textuais, os contos traduzidos por Gaikhorst mantêm o mesmo enfoque, atento à recriação em neerlandês da letra clariciana. Os contos traduzidos por Ruud Ploegmakers apresentam uma poética do traduzir semelhante a de Hermien Gaikhorst, mas com algumas importantes diferenças de detalhe, como se mostra abaixo. Antes de analisar um trecho representativo da tradução de Ploegmakers, cabe esboçar o seu perfil. Ploegmakers é professor da Universiteit Leiden, onde ensina língua portuguesa e literatura brasileira. Foi aluno de August Willemsen na Universiteit van Amsterdam e defendeu a tese de doutorado *João Cabral de Melo Neto e a modernidade*, em Utrecht, e tem publicado artigos em periódicos brasileiros como *Travessia e Gragoatá*. Traduziu contos de João Antônio, *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, *Bufo & Spallanzani*, de Rubem Fonseca, e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins.

Os contornos da Clarice de Ploegmakers ficam claros nas últimas linhas de “O búfalo”, último conto de *Laços de família*:

“O búfalo”  
(Lispector 1998 , p. 135)

Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato. Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitada ao longo das grades. Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio a mulher viu o céu inteiro e um búfalo.

---

79 palavras

“De buffel”,  
(Lispector 1994, tradução de Ruud Ploegmakers, p. 227)

Onschuldig, nieuwsgierig, drong ze steeds dieper in die ogen door, die haar kalm fixeerden. Zij drong onnozel door, in een slaperige zucht, zonder te willen noch te kunnen vluchten, vastgeklonken aan wederzijdse moord. Vastgeklonken alsof haar hand voor eeuwig vastgeplakt zat aan de dolk, waarmee ze zelf had toegestoken. Vastgeklonken, terwijl ze betoverd langs het gleeed. In een zo traag duizeling, dat de vrouw, voordat haar lichaam zacht op de grond gleeed, de gehele hemel en een buffel zag.

---

71 palavras



Embora ligeiramente mais concisa que a tradução de Gaikhorst, a de Pluugmakers tende a normalizar mais a forma clariciana. Essa normalização se manifesta na primeira frase, que é dividida em duas e em que um gerúndio próximo à língua falada (“entrando”) se transforma em passado de narração canônico (“drong”=“entrou”). Ao mesmo tempo, os outros elementos são cuidadosamente transpostos na recriação holandesa, com a manutenção de estruturas nominais e a repetição de certas palavras (aqui “presa”, repetida anaforicamente), traço típico da escrita clariciana e que parece ser um dos elementos responsáveis pelo tom poético e dramático do texto. Ploegmakers é também sensível à sonoridade da frase clariciana que não só é mantida e às vezes ampliada em neerlandês, inclusive pelo fato de as aliterações ocorrerem normalmente com maior frequência nessa língua.

Podemos concluir dizendo que Clarice Lispector foi traduzida pouco, mas com cuidado, até agora na Holanda e que o exame dessas traduções contribui para conhecermos melhor o mundo verbal clariciano em seus mínimos detalhes e também para explicarmos melhor as razões do encanto que provoca.

#### Referências bibliográficas

- BRENAN, Gerald. *The Literature of the Spanish People: From Roman Times to the Present Day*. Cambridge: Cambridge University Press, 1951.
- COSTA, Walter Carlos. O Guimarães Rosa holandês de August Willemsen. *Nonada* (Porto Alegre), v. 10, p. 179-189, 2007.
- COSTA, Walter Carlos. O Machado de Assis holandês de August Willemsen in COSTA, Walter Carlos, Guerini, Andréia & Torres, Marie-Hélène (orgs.) *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro/Florianópolis: 7Letras/Nuplitt/UFSC, 2007, no prelo.
- GOMES, André Luis. Inédito.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Het uur van de ster*. Breda: De Geus, 1994.
- LISPECTOR, Clarice. *Familiebanden*. Tradução de Hermien Gaikhorste Ruud Ploegmakers. Het Wereldvenster, Houten, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. *Het uur van de ster*. Tradução de Hermien Gaikhorst. Het Wereldvenster, Houten, 1988.

Recebido em 3 de agosto de 2007

Aceito em 4 de outubro de 2007